O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 23 | Nº 69 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.17180371

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

PAULO FREIRE E ILÊ AIYÊ: SIGNIFICADOS DA CONSCIENTIZAÇÃO NA MÚSICA "ALIENAÇÃO"

Denise Aparecida Brito Barreto[1]

José Palmito Rocha[2]

Resumo

Este estudo qualitativo e interpretativo utiliza a epistemologia de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin como arcabouço teórico-metodológico para analisar a manifestação e o entrelaçamento dos múltiplos significados do conceito de conscientização de Paulo Freire na letra da canção "Alienação", do Bloco Afro Ilê Aiyê. Analisando a referida composição como uma ferramenta pedagógica e uma expressão de resistência política, a pesquisa recorreu à Análise Dialógica do Discurso (ADD) para analisar a canção como um ato de responsividade que dialoga com questões raciais e identitárias e responde às condições de opressão vividas pela população negra no Brasil. A canção foi selecionada como corpus por sua relevância temática, atuando como um enunciado artístico que promove reflexões críticas. O recorte conceitual da conscientização abrange a consciência da realidade nacional, os estágios da consciência, a consciência de classe e a consciência das múltiplas subjetividades. Os resultados demonstram que os quatro significados do conceito de conscientização coexistem e se complementam na narrativa musical. A análise da letra revela a autonomia de cada significado, bem como sua integração para uma compreensão mais ampla do cenário social do negro. O estudo conclui que a canção "Alienação" se constitui como uma ferramenta política e pedagógica que reforça o princípio freireano de conectar o conhecimento teórico ao universo cultural popular, evidenciando a contínua relevância da pedagogia libertadora no contexto atual.

Palavras-chave: Conscientização; Ilê Aiyê; Mikhail Bakhtin; Paulo Freire; Responsividade.

Abstract

This qualitative and interpretive study uses the epistemologies of Paulo Freire and Mikhail Bakhtin as a theoretical-methodological framework to analyze the manifestation and intertwining of the multiple meanings of Freire's concept of conscientization in the lyrics of the song "Alienação," by the Afro Block Ilê Aiyê. Analyzing the composition as a pedagogical tool and an expression of political resistance, the research employed Dialogical Discourse Analysis to examine the song as an act of responsivity that dialogues with racial and identity issues and responds to the oppressive conditions experienced by the Black population in Brazil. The song was selected as the corpus due to its thematic relevance, serving as an artistic utterance that promotes critical reflections. The conceptual scope of conscientization covers awareness of the national reality, the stages of consciousness, class consciousness, and consciousness of multiple subjectivities. The results demonstrate that the four meanings of the concept of conscientization coexist and complement one another within the musical narrative. The analysis of the lyrics reveals the autonomy of each meaning, as well as their integration for a broader understanding of the Black social landscape. The study concludes that the song "Alienação" constitutes a political and pedagogical tool that reinforces the Freirean principle of connecting theoretical knowledge to the popular cultural universe, highlighting the continued relevance of Paulo Freire´s pedagogy in the current context.

Keywords: Conscientization; Ilê Aiyê; Mikhail Bakhtin; Paulo Freire; Responsivity.

[1] Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em Educação. E-mail: deniseabrito@gmail.com

[2] Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: palmitor@gmail.com

INTRODUÇÃO

O *Ilê Aiyê,* fundado em 1974, é considerado o primeiro bloco afro do Brasil. Conhecido como "O Mais Belo dos Belos", o bloco desenvolve um trabalho político-educacional consciente voltado para a valorização da cultura e identidade negra, o reforço do orgulho das marcas da raça negra e a resistência ao apagamento da negritude. Essa postura do *Ilê* é retratada em sua vasta discografia, composta por músicas que mesclam samba afro com letras de clamor social. As suas canções manifestam a preocupação em conduzir a comunidade negra ao que Paulo Freire (1979) denomina processo de descobrir-se por meio da reflexão sobre a própria existência e, dessa forma, promove um caminho para a conscientização do cidadão negro.

Este estudo propõe uma análise dos múltiplos significados do conceito de conscientização, que refletem os diferentes momentos do pensamento de Paulo Freire, subjacentes à letra da música "Alienação" (*Ilê Aiyê*, 2015, faixa 3), de autoria dos compositores Sandro Teles e Mario Paim. Utilizando-se das teorias acadêmicas da responsividade de Bakhtin e da pedagogia libertadora de Paulo Freire, o estudo investiga a coexistência e entrelaçamento dos diferentes significados dos conceitos de conscientização como resposta à demanda social presente na narrativa musical.

A música tematiza de maneira explícita os discursos advindos da visão imposta ao negro, ao mesmo tempo em que alerta para a necessidade de um despertar crítico do negro, refletindo em sua letra os diferentes significados do conceito de conscientização presentes na trajetória da obra de Paulo Freire. Assim, a canção é apresentada como prova de que as variedades de significados acerca da conscientização permanecem relevantes e aplicáveis a diferentes contextos, traduzindo em seus versos um constante diálogo entre esses diferentes significados, revelas a autonomia de cada significado e, ao mesmo tempo, como eles se integram para permitir a compreensão mais ampla do cenário social do negro.

Este estudo se fundamenta em uma pesquisa qualitativa interpretativa, adotando como base teórica e metodológica a epistemologia de Mikhail Bakhtin e Paulo Freire para investigar como o conceito multifacetado de conscientização de Freire se manifesta e se entrelaça na letra da canção "Alienação", do Bloco Afro *Ilê Aiyê.* A abordagem qualitativa foi escolhida por sua capacidade de aprofundar na complexidade das experiências humanas, permitindo uma análise detalhada e contextual dos fenômenos sociais. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica das produções epistemológicas de Bakhtin e Paulo Freire para estabelecer o arcabouço teórico que guia a pesquisa.

Como técnica de análise de dados foi utilizada a Análise Dialógica do Discurso (ADD) na perspectiva bakhtiniana, que permite compreender as relações dialógicas e interativas presentes na linguagem. A canção "Alienação" foi selecionada como corpus de pesquisa por sua relevância temática,

servindo como um enunciado artístico que dialoga com questões raciais e identitárias. Através do conceito de responsividade, a música foi examinada como um ato de resposta às condições de opressão vividas pela população negra no Brasil. Nesse sentido, esta pesquisa não se limitou à aplicação de uma metodologia, mas se propôs a construir um conhecimento relevante a partir da análise dos processos de produção de sentido e das ideologias que permeiam o discurso musical.

Com base neste arcabouço teórico e na abordagem de pesquisa, este estudo se constituiu em uma abordagem metodológica inovadora e sobretudo condizente tanto com a obra freireana, quanto com os seus estudos no contexto atual. Este enfoque tornou não apenas este estudo mais acessível e significativo para um público mais amplo, como também oferece um caminho contemporâneo para a compreensão geral do pensamento freireano. Ademais, ao analisar a canção como expressão de resistência política e ferramenta pedagógica esta pesquisa reforça o princípio fundamental da pedagogia freireana de conectar o conhecimento teórico com o universo cultural do povo, estabelecendo um diálogo entre a teoria e a cultura popular, a qual, segundo Freire (1987), traduz-se em política popular, sendo, portanto, um elemento fundamental no processo de conscientização.

Para organizar a leitura, este estudo está dividido em seções que abordam as diferentes etapas da pesquisa. Após a Introdução, o texto apresenta a fundamentação teórica, na qual discutimos as contribuições de Bakhtin e Paulo Freire para o entendimento da responsividade e da conscientização, relacionando-as à luta antirracista que marca a história do Bloco Afro Ilê Aiyê. Posteriormente é apresentada a seção metodológica da pesquisa. Em seguida, a seção de Análise da Música aplica esse referencial teórico à canção "Alienação", desvendando como os conceitos de conscientização se manifestam na letra. Por fim, a Conclusão retoma os principais achados do estudo e suas implicações para o campo da educação e da cultura afro-brasileira.

BAKHTIN: DIALOGIA E RESPONSIVIDADE COMO FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Para Mikhail Bakhtin (2006, p. 125) a linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas ou uma “enunciação monológica isolada”, mas sim um fenômeno social resultante da interação verbal, dessa forma, “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”.

> O Círculo de Bakhtin concebe a linguagem como ideologia, evidenciando que, como sujeitos sociais que somos, nos filiamos às instituições, crenças e valores que nos constituem, situam-nos e demarcam-nos como sociedade. Nesse sentido, como um fenômeno de linguagem, a língua é uma prática social. O uso da língua, portanto, demanda compreendê-la em função das atividades que organizam a vida social (SOUZA *et al*., 2024, p. 232)

Em outros termos, a linguagem é uma prática social dinâmica que se expressa e se concretiza na interação verbal entre indivíduos, por meio de um processo dinâmico de troca e construção de sentidos. O Círculo de Bakhtin concebe a linguagem como ideologia, evidenciando que, como sujeitos sociais que somos, nos filiamos às instituições, crenças e valores que nos constituem, situam-nos e demarcam-nos como sociedade. Nesse sentido, como um fenômeno de linguagem, a língua é uma prática social. O uso da língua, portanto, demanda compreendê-la em função das atividades que organizam a vida social. É dessa forma, conforme Bakhtin (2011), dialógica por natureza, pois, para o autor, viver implica em dialogar" (SOUZA *et al*., 2024, p. 232)

O princípio da dialogia na análise do discurso

O dialogismo é um conceito central na obra de Bakhtin (2008, 2006, 2003), que enfatiza a natureza interativa e relacional da linguagem e, nesta perspectiva, ele afirma que as relações dialógicas vão muito além das simples réplicas de um diálogo formal, sendo "um fenômeno quase universal que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana" (BAKHTIN, 2008, p. 47), abrangendo tudo o que possui significado e importância. Assim sendo, o dialogismo não se limita à comunicação verbal, mas se estende a todas as esferas da existência social e cultural. Nesse sentido, o dialogismo é a essência da linguagem e da comunicação humana, pois "tudo na vida é diálogo, ou seja, contraposição dialógica" (BAKHTIN, 2008, p. 49). Nessas palavras, Bakhtin deixa clara a sua premissa de que todo enunciado é dialógico; está sempre cheio de ecos de outras vozes, significados e contextos. Todo enunciado carrega consigo multiplicidades de vozes e os seus significados são sempre construídos através do diálogo e da interação entre diferentes vozes e perspectivas. O dialogismo são as relações de sentido "que se estabelecem entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (...), entabularão uma relação dialógica" (BAKHTIN, 2003 p. 346-347)

Dito de outra forma, todo enunciado é uma resposta a outros enunciados e está em constante diálogo com vozes sociais, históricas e culturais. Isso significa que cada palavra carrega consigo as marcas de seus usos anteriores, refletindo as interações e os significados construídos ao longo do tempo, pois "em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas (a voz dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente" (BAKHTIN, 2003 p. 353). Quando falamos ou escrevemos, estamos sempre respondendo a algo que já foi dito e antecipando respostas futuras.

> Nossas palavras não são 'nossas' apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam" (TEZZA, 1988, p. 55).

Isso significa que nenhum enunciado existe isoladamente; ele sempre está em relação com outros enunciados, vozes e contextos. Com isso, o significado de um enunciado depende do contexto em que ele é produzido e da intenção do falante. Uma mesma palavra ou frase pode ter significados diferentes em situações diferentes. Isso porque a linguagem não é estática; ela está sempre em movimento, sendo moldada pelas interações sociais e pelas mudanças históricas e culturais.

Responsividade: ação ativa na compreensão

Conforme Bakhtin (2001, p. 79) "Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu". Portanto, todo e qualquer desdobramento da linguagem produzida pelo homem desde simples enunciações cotidianas a uma expressão artística é determinada pelas condições históricas, sociais e culturais na qual essa enunciação se faz ouvir. É nesta complexidade das interações dialógicas que se manifesta o conceito de responsividade, uma categoria fundamental para a compreensão da forma como os indivíduos se engajam e se posicionam frente aos discursos alheios.

Hicks (2000) assevera que a dialogia como retratado por Bakhtin, implica uma forma de responsividade que é eticamente sensível a outros únicos e a relações particulares.

> (...) Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro. (...) A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra. A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha alheia (ou alheia minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto se transforma em sujeito (em outro eu) (BAKHTIN, 2003, p. 385-386).

Bakhtin (2003) afirma que toda compreensão real e integral de um enunciado é prenhe de uma atitude responsiva ativa, ou seja, de uma forma ou de outra, o enunciado produz a resposta, pois não pode haver compreensão sem resposta, ambas estão unidas. No entanto esse um falante não espera uma compreensão passiva que simplesmente duplique sua ideia na mente do outro, mas pelo contrário, ele antecipa e provoca uma resposta ativa, que pode se manifestar como concordância, simpatia, objeção, execução (SHOTTER, 2008) A responsividade não é apenas uma prática de linguagem, mas traz a existência da linguagem, justamente pelo caráter dialógico, que impõe a qualquer falante, em maior ou

menor grau, a posição de um respondente, situando-se em um campo discursivo pré-existente. Dessa forma, qualquer enunciado nunca é isolado, mas constitui-se como um elo em uma cadeia muito complexamente organizada de outros enunciados, aos quais ele replica e dos quais espera réplica (SHOTTER, 2008).

Bakhtin (1992), em sua obra "Estética da Criação Verbal", postula que toda compreensão real e integral de um enunciado é prenhe de uma atitude responsiva ativa. Isso significa que o ato de entender algo já implica, de alguma forma, uma reação, ou seja, de uma forma ou de outra, o enunciado produz a resposta, pois não pode haver compreensão sem resposta, são indissociáveis, agindo como duas faces da mesma moeda. O falante não busca uma compreensão meramente passiva, que apenas replique sua ideia na mente do ouvinte. Em vez disso, ele antecipa e provoca uma resposta ativa, que pode manifestar-se de diversas maneiras, como concordância, simpatia, objeção ou até mesmo a execução de uma ação (SHOTTER, 2008). Essa responsividade é o que de fato dá vida à linguagem, revelando seu caráter fundamentalmente dialógico. É por meio desse processo que cada falante assume a posição de um respondente, inserindo-se em um campo discursivo que já existe antes dele.

A partir dessa perspectiva, qualquer enunciado deixa de ser uma unidade isolada. Ele se constitui, na verdade, como um elo em uma complexa e organizada cadeia de outros enunciados, como aponta Shotter (2008). O enunciado não apenas responde a discursos que o precederam, mas também antecipa e espera uma réplica. Essa natureza dialógica e responsiva molda a comunicação humana, mostrando que cada palavra proferida é um diálogo com o passado e uma ponte para o futuro. Assim, a linguagem se revela não como um sistema estático de transmissão de informações, mas como um processo dinâmico e contínuo, onde o sentido é construído em constante interação.

A categoria de responsividade bakhtiniana ajuda-nos a entender as lutas sociais de sujeitos marginalizados a usarem a linguagem de maneira a responderem a condições desiguais vividas por eles na sociedade. Dessa forma, ao dar suas respostas, os indivíduos não apenas está apenas respondendo diretamente ou somente ao seu interlocutor, mas a diversos outros enunciados sociais que constituem o discurso do seu oponente. Neste sentido, responder de forma crítica e ativa a discursos opressores se alinha diretamente com o conceito de conscientização de Paulo Freire, que também percebe a linguagem como um ato de conhecimento e libertação.

PAULO FREIRE E OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA CONSCIENTIZAÇÃO

A essência da filosofia de Freire é o conceito de conscientização, que ele define como o processo de passar de uma compreensão ingênua ou passivamente recebida da realidade para uma visão mais crítica

e ativa (LAWTON, 2022, p. 50). No livro, Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, Freire relata sua sensação ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, afirmando que, imediatamente, percebeu a sua profundidade e significado (FREIRE, 1979), e que essa palavra não comporta uma simples definição, em virtude do caráter multifacetado que sua significação carrega. Essa constatação despertou o autor para a importância da conscientização no processo de educação e transformação social, o que fez com que esse conceito se tornasse a ideia central do seu pensamento, pois para Freire (1979, p. 15) "a educação como prática de liberdade consiste em um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade". Nesse sentido, a conscientização se constitui para Freire em um instrumento para o seu fazer educativo, no sentido de que este processo deve envolver o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a realidade, problematizando-a e compreendendo-a de maneira profunda e reflexiva.

O conceito de conscientização é tão presente e tão importante nos escritos de Freire, que levou muitos a acreditar que ele tenha sido o seu criador, mas ele faz questão de esclarecer que esse termo foi trazido "por um grupo de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros" (FREIRE, 1979, p. 15), por volta de 1964. Embora não tenha sido gestado por ele, para além de ser uma ideia central na obra Freire, o termo conscientização carrega toda a complexidade característica do seu pensamento. Conscientização é um substantivo que descreve o ato de conscientizar, porém o vocábulo não descreve apenas o ato em si, também é usado para descrever o resultado desse processo; o estado atingido pela pessoa que se conscientiza. Freire (1979), seguindo tal perspectiva, afirma que a conscientização não consiste apenas em "estar frente à realidade", pois é um processo histórico que se desenvolve pelo ato de conscientizar-se.

A complexidade e a heterogeneidade são as marcas do conceito de conscientização (SCOCUGLIA, 2005, 2019), por conseguinte, o processo de construção teórico-conceitual deste termo foi reinventado e retomado várias vezes ao longo da obra de Freire. De maneira que não o conceito de conscientização tem diversas significações em sua obra que dá a impressão que existem vários conceitos. Ao longo da sua trajetória, Freire passou a repensar sobre esse tema, a ponto do professor Scocuglia (2005, 2013, 2019) distinguir quatro significações diferentes, com base na constatação da existência de várias noções e visões sobre consciência e conscientização na obra desse autor. Essas significações foram reformuladas e reconstruídas e, ao longo do percurso, desdobraram-se, entrelaçaram-se e transformaram-se de maneira não-linear e interdependente e, dessa forma, geraram múltiplas possibilidades de compreensão e aplicação aos diferentes contextos históricos e sociais.

A produção intelectual freireana tornou-se uma majestosa avenida atemporal, que serviu de palco onde as diversas significações do conceito conscientização desfilaram em uma coexistência harmoniosa, exibindo a riqueza e a evolução de suas ideias ao longo dos anos. Esses significados são como os blocos

que se reinventam a cada carnaval e com a graça e a força se transformam e ganham novos adereços interpretativos. Com isso, eles transformaram a obra de Paulo Freire em uma via repleta de movimento e vida, em um cortejo não excludente, que se encontra em um movimento contínuo, enriquecendo-se mutuamente.

Conscientização da Realidade Nacional

A primeira significação deste conceito a despontar no começo da avenida da obra de freireana está ligado à definição de conscientização que destaca um dos conceitos de Álvaro Vieira Pinto: A consciência da realidade nacional. Segundo Scocuglia (2005), este significado floresceu em meio a um contexto histórico marcado pelo desenvolvimento de um projeto político-econômico que visava a modernização do país através da industrialização e da integração do mercado interno, que começou a ser construído a partir dos anos 30 com Getúlio Vargas e ganhou uma dimensão nova com o nacionalismo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1955-60). Nesta época, funcionava o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que reunia intelectuais importantes, considerados os ideólogos do nacionalismo brasileiro. Scocuglia (2005) chama a atenção para o fato de que esse nacionalismo, em termos do progresso das mudanças, não era marcado pelo fascismo ou nazismo, era um nacionalismo de uma nação brasileira que queria progredir e, para isso, seriam necessárias reformas, incluindo as reformas agrária e educacional.

No entanto, esse ideário foi derrotado no golpe militar de 64, também responsável pelo exílio de Paulo Freire. Este primeiro conceito de conscientização é contemporâneo do projeto pioneiro de alfabetização de adultos em 1963, conhecido como o "Método Paulo Freire", que marcou a história da educação brasileira, com uma abordagem pedagógica baseada na conscientização e no diálogo. Esse período foi também marcado pelas propostas de reformas de base encampadas pelo governo João Goulart, entretanto, o golpe civil-militar de 1964 interrompeu abruptamente todos esses processos (GADOTTI, 1996; SCOCUGLIA, 2019). Nesta primeira significação do conceito de conscientização, Freire defende a ideia da consciência da realidade nacional, o que expõe uma visão muito mais política, no sentido de revelar a realidade nacional naquele contexto de época. Esta concepção utilizava a educação como instrumento de libertação, por meio da qual as pessoas adquiriam, cada vez mais, a consciência da realidade e da necessidade das suas mudanças.

Os Estágios da Consciência

No entanto, Freire afirmava que essa "tomada de consciência não é ainda a conscientização" (FREIRE, 1979, p. 15), mas, sim, ela em processo, já que a conscientização consiste no desenvolvimento

crítico da tomada de consciência que irá permitir a passagem de uma esfera "espontânea de apreensão da realidade" para uma consciência crítica. Essa afirmação conduziu o seu pensamento ao segundo conceito: "estágios da consciência".

Os "estágios de consciência" contemplam a consciência ingênua a qual se caracteriza por uma percepção superficial e não crítica da realidade. Segundo Lawton (2022) a pessoa não tem a competência para diferenciar entre leis naturais imutáveis e a cultura mutável, ou seja, tem dificuldade em compreender quais os aspectos da vida podem ser transformados pela ação humana consciente. Em seguida para a consciência transitiva crítica, o estágio intermediário do processo de conscientização no qual a pessoa inicia o questionamento e a busca por uma compreensão mais profunda. No entanto ainda está presa a explicações tradicionais, convencionais ou prescritas e tende a uma supersimplificação de problemas com estilo fortemente emocional, gerando mais polêmicas em vez de diálogo (LAWTON, 2022, p. 51). O último estágio é a consciência crítica, caracterizada por uma interpretação mais profundo da realidade e rejeição de posições passivas revelada pela prática de diálogo que o torna receptivo ao novo (LAWTON, 2022, p. 51-53).

Essa transição da ingenuidade para a criticidade se assemelha ao processo educativo de transição que um folião de um bloco afro sente ao desfilar pela primeira vez no carnaval. O início do seu desfile representa a consciência ingênua: esse folião se encanta com as cores e sons, movimenta-se sem perceber a mensagem que ecoa dos tambores e da percussão social do bloco afro e dança despretensiosamente. À medida que o ritmo se intensifica, ele começa a questionar os passos coreografados, observa para além das ricas fantasias, desejoso de compreender a essência e a história de cada toque do tambor. Este é o processo de transição denominado consciência transitiva. No auge do desfile, irrompe a consciência crítica onde, finalmente, esse folião empoderado e atento percebe que cada passo, cada gesto, cada batida de tambor, cada grito é um ato de emancipação. Este folião experimentou na avenida a força de uma educação que liberta e transforma e se tornou capaz não só de compreender a coreografia social, mas, também, de recriá-la para ser o protagonista do seu próprio carnaval. Nesse sentido, a conscientização, afirma Freire (1979, p 15), "é um teste de realidade" que supera o reconhecimento superficial dos fatos e promove a percepção crítica que envolve a análise e compreensão das estruturas sociais, culturais e políticas que moldam a realidade. Dessa forma, quanto mais conscientização mais se "desvela a realidade".

Consciência de Classe

Em um movimento natural da evolução das concepções que ocorre na obra de Paulo Freire, a "conscientização engendrada com a contribuição de Vieira Pinto e dos isebianos em estágios crescentes

de consciência (...) desloca-se, gradativamente, para consciência de classe lukacsiana" (SCOCUGLIA, 2005, p. 11). Através do pensador marxista Georg Lukács, autor da obra História e Consciência de Classe, os escritos de Paulo Freire, a partir das obras Pedagogia do Oprimido e Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos, trazem o terceiro conceito de conscientização: a consciência de classe. A partir da segunda metade dos anos 60, os preceitos do Marxismo e da Teologia da Libertação começam a se constituir como alicerces teóricos dos escritos do Paulo Freire.

Teologia da Libertação, com base em Boff (2010) é uma corrente teológica que surgiu com o propósito de responder aos desafios enfrentados por sociedades oprimidas, buscando integrar a fé cristã ao processo de libertação social. Ela se propõe a interpretar a Bíblia de modo a promover tanto a transformação pessoal (conversão) quanto a mudança social (revolução), articulando-se com outros campos da vida e da luta do povo por justiça e emancipação. Juntamente com o pensamento marxista a Teologia da Libertação começou a alicerçar, mais especificamente, as questões da ideologia, da consciência, da política e do outro, a combinar a "luta crítica e coletiva com uma filosofia da Esperança". Com isso, Paulo Freire criou uma "linguagem de possibilidades" e "subjacente a essa visão encontra-se uma fé" (GIROUX, 1997, p.149).

Esta perspectiva de conscientização é ligada à premissa filosófica presente na teoria marxista da passagem de uma classe em si para uma classe para si, conceitos desenvolvidos por Marx para distinguir dois momentos da consciência de classe. A classe em si refere-se à condição objetiva de um grupo social, definida por sua posição comum no processo produtivo e por interesses compartilhados, portanto é uma condição de classe. Já classe para si representa a consciência de classe, pois esse grupo, além de compartilhar uma condição material comum, desenvolve consciência de sua posição e se organiza politicamente para defender seus interesses de classe (MARX, 2004). Este postulado filosófico marxista está relacionado ao problema da tomada de consciência coletiva da condição de oprimido e ao comprometimento na busca pela liberdade, pois só assim os indivíduos formam verdadeiramente uma classe.

A conscientização, nesta terceira significação conceito, é uma construção coletiva de conhecimento, onde ninguém conscientiza ninguém, mas todos se conscientizam mutuamente através do diálogo e da troca de experiências, reconhecendo-se como protagonistas de sua própria história. Diante disso, a consciência de classe passa a ser um processo educativo e libertador. Scocuglia (2005, p. 04) chama a atenção para uma mudança no discurso de "liberdade" para o discurso de "libertação", por não se tratar apenas de uma mudança semântica, mas na verdade uma mudança política.

> Enquanto a “liberdade” (em Educação como prática da liberdade) era “individual, mental, personal”, a “libertação” (em Ação cultural para a liberdade e outros escritos) significa sair vencedor nos conflitos sociais de classe.

Em Pedagogia do Oprimido, Freire traz a conscientização enquanto “uma possibilidade lógica e um processo histórico” que liga “teoria com práxis” (GADOTTI, 1996, p. 126) ao abordar a questão de como os sujeitos históricos migram da condição de passividade e “Alienação” para a posição de agentes transformadores, por meio de um processo coletivo de reconhecimento de “suas necessidades e interesses de classe”.

Nesta perspectiva, os indivíduos desenvolvem uma consciência crítica capaz de os levar a enxergar os mecanismos de opressão e construírem a sua “pedagogia no próprio processo de resistência à opressão” (SCOCUGLIA, 2005, p.04). Segundo Lawton (2022), na "Pedagogia do Oprimido" Freire, descreve a transformação consciente de si mesmo e do mundo não apenas como uma característica única da humanidade, mas como a própria razão de ser do ser humano. Esta visão de conscientização aproxima o seu conceito a umas práxis com caráter revolucionário, que converte a reflexão crítica em ação transformadora, levando o oprimido não apenas a interpretar a realidade, mas também transformá-la por meio de umas práxis que articula consciência e ação política, unindo teoria e prática.

Conscientização das Múltiplas Subjetividades

A partir dos anos 80 e 90, os escritos de Paulo Freire reforçam a ideia de que a transformação social é obra de sujeitos conscientes de suas próprias realidades e das realidades alheias. Segundo o professor Scocuglia (2005), emerge neste período um novo entendimento de conscientização: a consciência das múltiplas subjetividades, que está relacionada a uma transição do pensamento freireano da Modernidade para a Pós-Modernidade.

> Além disso, podemos notar posições do seu “pós-modernismo crítico” nas questões da textualidade, no destaque permanente da importância das subjetividades presentes nos processos educativos, ou ainda nas considerações sobre a cotidianeidade, sobre as relações de (micro)poder ou mesmo quando destaca a “introjeção da consciência do outro” como “o grande problema” dos oprimidos (SCOCUGLIA, 2005, p. 14-15)

Freire se situa em uma "pós-modernidade progressista", especialmente em seus últimos trabalhos, incorporando temas como gênero, etnia e ecologia ao seu pensamento político-pedagógico (SCOCUGLIA, 2019). Essa incorporação de novas temáticas e a ênfase na multiplicidade de perspectivas

se alinha com a crítica da modernidade que rompe com a ideia de uma consciência universal e homogênea, reconhecendo a fragmentação da realidade e a multiplicidade de perspectivas.

Dessa forma, esse quarto significado do conceito de conscientização compreende o reconhecimento da diversidade de experiências e visões de mundo dos sujeitos envolvidos no processo educativo, reconhecendo e respeitando as diferentes subjetividades. Este conceito de conscientização destaca a importância de compreender que cada indivíduo e cada grupo social possuem suas próprias experiências, valores, perspectivas e interpretações da realidade. Assim como um bloco desfilando é um palco coletivo por excelência, a sua riqueza está na sincronia dos seus integrantes, que se forma pelo entrelaçamento respeitoso das diferentes subjetividades, onde cada um, com sua singularidade, compõe o majestoso cortejo, dançando e celebrando a diversidade. De igual modo, a consciência das múltiplas subjetividades implica em uma prática dialógica e democrática, que promove a interação entre diferentes vozes e perspectivas, valorizando a pluralidade e a riqueza da experiência humana (SCOCUGLIA, 2019). Essa valorização é fundamental para a prática da conscientização, pois a pluralidade de vozes contribui para a compreensão crítica da realidade e para a emancipação coletiva.

Ao emergir esta última versão conceitual, não se pode considerar uma evolução ou um aprimoramento dos conceitos anteriores, pois nenhum deles deve ser compreendido como uma substituição linear do outro, mas um movimento dialético de ressignificação e ampliação. Cada uma dessas visões de conscientização representa uma camada adicional de compreensão, uma vez que os conceitos anteriores são recontextualizados e, dessa forma, coexistem e existem por si.

METODOLOGIA

O presente estudo parte de um método teórico-dedutivo, caracterizado por um estudo exploratório, descritivo e explicativo quanto aos fins e qualitativo quanto aos meios (MARTINS *et al.*, 2025). A partir de uma pesquisa qualitativa interpretativa, ancorada teórico-metodológica na produção epistemológica de Bakhtin e Paulo Freire, este estudo busca investigar a manifestação e o entrelaçamento dos múltiplos significados do conceito de conscientização de Paulo Freire na letra da canção "Alienação", do Bloco Afro *Ilê Aiyê*. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa e contextual da investigação, uma vez essa metodologia de investigação científica enfatiza a profundidade e a riqueza do contexto e da voz, o que nos permite aprofundar na complexidade das experiências e perspectivas humanas (LIM, 2025). Assim, concordando com a observação de Lim (2025) a abordagem qualitativa se tornou indispensável nesta pesquisa em virtude da sua capacidade de desvendar e dar sentido a fenômenos sociais complexos e multifacetado.

Destaca-se ainda que a pesquisa qualitativa, geralmente envolvem uma estrutura teórica ou filosófica complexa (HAMMARBERG *et al*., 2016). Ciente disso, neste estudo foi realizada uma revisão bibliográfica aprofundada das obras de Paulo Freire, com ênfase no conceito de conscientização e suas reformulações ao longo do tempo, conforme proposto por Scocuglia (1999–2019), bem como da trajetória do *Ilê Aiyê* para se estabelecer o arcabouço teórico desta pesquisa. Aliado a isso, as teorias de Bakhtin que foram utilizadas como um arcabouço analítico. Aliado a isso, as teorias de Bakhtin, especificamente a Análise Dialógica do Discurso (ADD), foram utilizadas como a principal técnica de análise dos dados coletados, permitindo uma investigação aprofundada das relações e interações dos significados de conceito de conscientização presentes no corpus de pesquisa.

Assim, a ADD, fundamentada nas contribuições de Bakhtin e seu Círculo, constitui a técnica central de análise do estudo que "busca compreender as relações dialógicas e interativas entre os interlocutores e como essas relações são mediadas na e pela linguagem" (SOUZA *et al*., 2024). Brait, (2006, p. 10) define o processo de uma análise dialógica do discurso "como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas", portanto, a opção epistemológica deste estudo pela ADD não foi pensada apenas no sentido de aplicação de uma metodologia, mas na construção de conhecimentos relevantes a partir de uma análise dos processos de produção de sentido, das relações de poder e das ideologias que permeiam os discursos narrativos presentes na música. Em coerência com as observações de (BRAIT, 2006), a análise realizada neste estudo levou em conta os contextos mais amplos da produção do discurso da narrativa musical, considerando também aspectos extralinguísticos imbricados dinâmicas internas da narrativa musical bem como das forças externas que moldaram sua produção e recepção

Para aprofundar a análise dessas dinâmicas, o estudo recorreu ao conceito de responsividade proposto por Bakhtin (2016, p. 46-47) que postula que todo "enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva" ou seja uma resposta a enunciados anteriores que, ao mesmo tempo, antecipa a reação do outro. "É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Segundo Sobral (2009, p. 84) "o sujeito sempre diz algo ao outro a partir de uma dada posição social", pois todo enunciado é orientado para um outro e carrega em si marcas de vozes sociais, sendo produto de interações verbais e de contextos socioculturais mais amplos (BAKHTIN 2003). Com base nesse constructo bakthiniano a canção foi estudada enquanto enunciado concreto que responde a um contexto sócio-historico da situação de opressão do negro. Sendo assim, a compreensão dos sentidos dos enunciados se manifesta na responsividade ativa dos sujeitos. Nesse sentido, um olhar para a compreensão ativa por

parte do autor da música, revela na letra da canção o processo de conscientização, formulado e reformulado por Paulo Freire, em todos os seus múltiplos significados.

Na Seleção e contextualização do corpus da pesquisa, a canção "Alienação" (Ilê Aiyê, 2015) foi escolhida por sua relevância temática relevância temática e e por representar um enunciado artístico que dialoga com questões raciais, identitárias e pedagógica, bem como por sua capacidade de dialogar com as teorias de Paulo Freire e Bakhtin. A canção, por meio de uma atitude responsiva-ativa na constituição do seu discurso, traz elementos narrativos que permitem a identificação de múltiplos significados do conceito de conscientização coexistindo e se entrelaçando.

A coleta de dados envolveu a leitura detalhada e repetida da canção, com o objetivo de articular os versos que mais fortemente expressavam cada um dos quatro significados de conscientização identificados por Scocuglia: Consciência da realidade nacional; Etágios da consciência (ingênua, crítica, transitiva); Consciência de classe e Consciência das múltiplas subjetividades.

Na Análise textual e discursiva cada estrofe foi examinada à luz das teorias de Bakhtin e Paulo Freire para a identificação de elementos textuais e discursivos que refletiam os vários significados de conscientização presentes na trajetória de Paulo Freire. Com base nesta análise a interpretação dialógica buscou identificar como esses significados coexistem, se complementam na narrativa musical, entendendo canção como um enunciado responsivo que se insere em uma cadeia de vozes sociais. Com base em Bakthin, a responsividade é uma atitude natural de toda e qualquer interação verbal, portanto esta compisção foi abordada como um ato de resposta às condições sociais vividas pela população negra no Brasil.

ANÁLISE E RESULTADOS

O surgimento do Ilê Aiyê propôs algo inédito no país: a formação de um bloco composto exclusivamente por pessoas negras, com o intuito de valorizar a cultura negra e questionar a "democracia racial" brasileira. Neste período, o contexto mundial era marcado por intensas convulsões sociais ligadas a questões raciais.

> De fato, nesse início dos anos 1970, o mundo produz imagens violentas de revoltas raciais e de organizações políticas de negros. Os movimentos dos Black Panthers (os Panteras Negras) são frequentemente citados como referências da juventude negra de Salvador à época.(...). A década de 1970 também é marcada, em Londres, por violências raciais contra populações originárias do West Indies (...) Os países africanos lusófonos são palco, nesses mesmos anos, de uma nova efervescência, após mudanças políticas em Portugal com a revolução dos cravos de abril de 1974 e sua nova política de descolonização (AGIER, 2024, p 41-42).

Sem se intimidar, o Ilê Aiyê fez o seu primeiro desfile no carnaval de 1975, com cerca de 100 foliões e poucos instrumentos, porém causando grande impacto por sua estética afrocentrada, com músicas, roupas, nomes, penteados e temas que remetiam a história negra. Como era de se esperar, após o primeiro desfile, o Ilê Aiyê foi criticado pela imprensa, principalmente pelo mais importante jornal da Bahia e região, Jornal A Tarde, que em sua publicação no dia seguinte ao desfile, apelidou-o de bloco do racismo, em "um artigo que ficou famoso na história do carnaval da Bahia por seu tom de censura com o título: Bloco racista, nota destoante" (AGIER, 2024 p. 47).

Esta crítica era baseada na crença da democracia racial brasileira, que foi abalada pelos cartazes que traziam a frase: "mundo negro", bem como pelos versos do compositor Paulinho Camafeu que ecoaram pela avenida e diziam: "Branco, se você soubesse o valor que o negro tem / tomava banho de pixe e ficava preto também". Essa reação da mídia, na verdade, foram ecos da repressão, uma vez que o bloco confrontava a ideologia dominante da época, que negava a existência de problemas raciais, "pelo fato de o racismo constituir um assunto tabu e a 'democracia racial' uma representação oficial das Relações raciais no Brasil desde 1930 (AGIER, 2024, p. 44). Este ataque da empresa que se alinhava com a postura repressora da ditadura, sugeria uma tentativa de silenciar e deslegitimar o movimento do Ilê Aiyê.

Firme em sua proposta original, em 1979 foi criada a identidade visual do Ilê Aiyê. Segundo Agier (2004), a partir deste ano a estampa da vestimenta do Ilê passa a ser desenhada pelo renomado artista plástico Jota Cunha. A marca do bloco é a máscara africana, conhecida como "perfil azeviche", que consiste em uma máscara com quatro búzios abertos na testa formando uma cruz. As cores da máscara também possuem significados importantes: o azeviche (mineral negro) remete ao barro preto do Bairro da Liberdade e à pele negra; o branco representa a paz; o amarelo simboliza a beleza e a riqueza cultural e o vermelho homenageia o sangue do povo negro derramado nas lutas por libertação. Essas cores, juntamente com os tecidos estampados dos trajes, produzidos artesanalmente, com pinturas relacionadas ao tema escolhido, aliadas a turbantes e adereços de palha, contas e búzios, compõem a identidade visual do bloco.

O Ilê Aiyê, para além do carnaval, atua também na educação. Segundo Santos (2020), "a grande inspiração para o surgimento dos projetos de educação do Ilê Aiyê foi a Escola Mãe Hilda, que abriu as portas do seu terreiro para educar. " Em 1986, o bloco se consolidou como associação cultural e, em 1988, criou a Escola Mãe Hilda, espaço de educação, resistência e valorização da cultura afro-brasileira que oferece ensino formal para as crianças da comunidade. Localizada no bairro do Curuzu, em Salvador, esta escola apresenta um perfil pedagógico único, profundamente enraizado na "pedagogia da ancestralidade antirracista" (SANTO, 2020). Segundo Santos (2020), a escola se estabeleceu como um "território

insurgente", pois nasceu da resistência e se empenha na busca pela emancipação do povo negro por meio da educação. A Escola Mãe Hilda tem como intuito valorizar a cultura africana e afro-brasileira e combater o racismo em todas as suas formas, por meio de uma prática pedagógica centrada na luta contra o racismo estrutural e a promoção da autoestima da população negra.

Em sua prática pedagógica, a escola utiliza os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Este é um material pedagógico, produzido pela entidade a partir do ano de 1995, com o objetivo de propor uma educação que contemplasse o resgate das "raízes africanas e suas influências no Brasil" (PERIN, 2007), aliada a afirmação de uma cidadania negra e da herança ancestral, através da sistematização e organização das pesquisas realizadas sobre a temática apresentada nos desfiles carnavalescos (ANTUNES, 2019; PERIN, 2007). Os Cadernos de Educação foram apontados em pesquisas acadêmicas como precursores das Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03 (PERIN, 2007), já que antecede a abordagem de temas e conteúdos até então negligenciados nos currículos.

Além do material pedagógico produzido pelo bloco, a Escola Mãe Hilda utiliza as músicas do Ilê Aiyê, os tecidos e as indumentárias que narram as histórias e a atuação de intelectuais negros como dispositivos pedagógicos para promover uma educação voltada a ressignificação da cultura negra e a conscientização para luta contra o racismo. Com isso, a escola tem o propósito de auxiliar na construção de identidades e na valorização da cultura afro-brasileira, a fim de promover a inclusão e a emancipação dos alunos, por meio de uma educação de qualidade.

Um outro projeto desenvolvido pelo bloco é a Band'Erê, que oferece cursos profissionalizantes de estética afro, arte com tecidos, informática e, no turno oposto, os alunos recebem formação artística baseada na cultura negra, tendo a oportunidade de fazer aulas de canto, dança, percussão e capoeira. Com essas ações, "além de conscientizar, a agremiação também possibilita a seus membros a realização de cursos profissionais e o acesso ao mercado de trabalho" (AFOLABI, 2020, p.34).

Outra ação importante promovida pelo Ilê Aiyê é a Noite da Beleza Negra, um evento anual criado em 1979, no qual é escolhida a "Deusa do Ébano", que representa o bloco durante o carnaval. Para além de um concurso, este evento possui um forte sentido educativo para toda a sociedade ao valorizar o padrão de beleza negra, contrapondo-se a padrões eurocêntricos (ADINOLFI, 2020). Neste concurso, são critérios de julgamento os trajes, adereços, cabelos e maquiagem da estética afro, dança e atitude, aliados ao discurso sobre a negritude. A "Deusa do Ébano", além de representar o bloco, também passa por orientações pedagógicas.

Chamado de "O Mais Belo dos Belos", o Ilê Aiyê tem uma discografia vasta, com músicas que misturam samba afro com letras de clamor social. Embora suas músicas tenham se tornado populares e feito sucesso desde a década de 1970, o seu primeiro álbum, Canto Negro I, foi lançado em 1984, com

algumas faixas que mostram uma sonoridade mais próxima das batucadas e blocos de embalo; outras faixas antecipam o ritmo do bloco afro que viria a ser conhecido como "samba-reggae" (AFOLABI, 2020). Nos anos 90, a música do Ilê Aiyê e de outros blocos afros da Bahia ganhou maior espaço no cenário musical, sendo gravadas por artistas de renome nacional. As músicas do Ilê Aiyê, juntamente com suas performances e estética, utilizam uma variedade de códigos e linguagens ligadas ao contexto da cultura negra e da sua ancestralidade, para construir, de forma dialógica e reflexiva, a conscientização dos participantes e toda uma sociedade que nega e discrimina experiências e produções culturais da negritude.

Ao longo de sua história, o Ilê Aiyê consolidou-se como um importante espaço de luta antirracista e empoderamento do povo negro, com grande influência na cultura brasileira. Suas práticas educativas, artísticas e sociais, como a “Noite da Beleza Negra”, mostram que não apenas o carnaval, mas as questões sociais e políticas constituem as marcas de seu meio século de existência (AFOLABI, 2020; AGIER 2024). Durante este período o Ilê tem proposto um trabalho político-educacional consciente, permeando transmissão do passado da ancestralidade com o cotidiano presente do negro (MOREIRA, 2013) e, assim, desempenha um papel crucial na conscientização sobre a cultura afro-brasileira e o combate ao racismo, atuando como um movimento negro educador (SANTOS, 2020).

Nas ações propostas pelo Ilê Aiyê, ao utilizar as práticas culturais como ferramentas de conscientização e empoderamento, estão presentes os vários significados da concepção freireana de conscientização, pois segundo Freire (1987) a cultura popular se traduz em política popular e por isso, é um elemento fundamental no processo de conscientização. Nesse sentido, o bloco problematiza a realidade para a superação da opressão, por meio dos desfiles, músicas e ações sociais, convertendo a arte e a cultura em instrumentos de resistência e transformação social. Ao ocupar o espaço público com suas cores, ritmos e mensagens, o Ilê Aiyê rompe com a cultura do silêncio imposta aos oprimidos e amplifica a voz da comunidade negra, em concordância com a defesa de Freire (1987) sobre a valorização dos saberes, das experiências e das visões de mundo presentes na cultura popular que impulsionam o povo a descobrir sua própria voz e a transformar sua cultura em um instrumento de luta contra a opressão.

Análise da Canção “Alienação”

A canção “Alienação”, de autoria dos compositores Sandro Teles e Mário Paim, compõe o álbum *Ilê Aiyê Bonito De Se Ver*, lançado no ano de 2015. Esta música se destaca por criar um espaço de diálogo, onde valores e significados do povo negro são compartilhados e negociados, transcendendo, dessa forma, o caráter estético e se configurando como uma ferramenta para o empoderamento e a valorização da cultura e da identidade negra. Em sua letra, a música estimula o ouvinte, sobretudo a comunidade negra,

a questionar as estruturas de opressão e a ressignificar narrativas que apresentam uma perspectiva do negro imposta por uma visão racista e opressora.

Nessa direção é que corroboramos com Alves (2021, p. 279), ao dizer que, "quando as vozes massacradas se rebelam contra mecanismos promotores de reinados da opressão, elas corporificam a responsabilidade que cada sujeito administra em suas vivências". Para Bakhtin há sempre um outro disposto a responder as atitudes de um eu. Assim, a partir da análise da desta canção pode-se compreender que a música é um ato ético e responsável que tem como seu propósito principal responder a vários discursos que circulam historicamente na sociedade na esfera socio-histórica brasileira. Portanto, a canção responde dentro desta perspectiva bakhtiniana ao usar o discurso como espaço de luta, considerando seu potencial de promover reflexões críticas sobre a realidade social, cultural e histórica enfrentada pela população negra

Em virtude dessa característica, a música "Alienação" não apenas reflete, mas também integra de forma análoga a trajetória do pensamento de Freire, os vários significados do conceito de conscientização, evidenciando a relevância e a aplicabilidade de concepções freireanas em diferentes contextos. Para além disso, dentro da narrativa musical da canção, por ser um discurso político-educacional consciente, é possível identificar os múltiplos significados que o conceito de conscientização assumiu na trajetória do pensamento de Paulo Freire, coexistindo e se entrelaçando de modo a responder à demanda social descrita na letra, acrescentando-lhe camadas de compreensão.

A partir desta perspectiva, podemos analisar como estes significados se manifestam e como essa dinâmica se desenvolve nos versos desta canção, organizados em três estrofes e um refrão.

> A consciência é o motivo principal / Eu quero muito mais / Além de esporte e carnaval, natural / Chega de eleger aqueles que tem / Se o poder é muito bom / Eu quero poder também (Primeira estrofe) (ILÊ AIYÊ, 2015, faixa 3).

Nesta estrofe, à semelhança do que propõe a obra de Freire, observamos a centralidade da conscientização, materializada no verso "A consciência é o motivo principal". Os versos iniciais desta estrofe expressam o processo de tomada de consciência da realidade nacional e a consequente busca por mudanças sociais e políticas, ao apontar a necessidade de o cidadão negro adquirir, cada vez mais, a consciência da realidade e da necessidade de mudanças. Estes versos, portanto, apresentam uma manifestação prática do primeiro conceito de conscientização de Freire: a consciência da realidade nacional.

O entanto, como destacado por Freire (1979), essa tomada de consciência não é ainda conscientização, por isso, na estrofe, os versos seguintes nos conduzem para a transição entre os estágios

de consciência. Dessa forma, o reconhecimento da "consciência como motivo principal" revela um momento de ruptura do primeiro estágio - consciência ingênua - no qual o indivíduo se encontrava. Este momento crucial, marcado neste verso, evidencia o início de um processo de despertar crítico, momento em que o sujeito começa a perceber o seu papel como agente de transformação. Ele não precisa se contentar com o lugar determinado para ele, pela sociedade.

Os versos “Eu quero muito mais /Além de esporte e carnaval, natural” expressam o despertar advindo da superação da visão superficial da realidade e revelam a passagem para o segundo estágio: a consciência transitiva crítica. Nestes versos, a canção alerta a população negra sobre uma realidade que historicamente impõe limitações aos indivíduos negros, no que tange à sua participação nos diversos segmentos da sociedade brasileira. O cidadão negro enfrenta uma realidade em que o destaque de sua atuação está circunscrito principalmente às esferas esportivas e musicais. A crítica feita nesta canção é corroborada pela análise da composição histórica dos quadros ministeriais do Poder Executivo Federal brasileiro, ao longo da sua história, no qual se verifica uma sub-representação de indivíduos negros em pastas estratégicas como Planejamento, Educação, Saúde e Justiça, sendo a sua participação, em cargos de alto escalão governamental, limitada predominantemente às pastas relacionadas à Cultura, Esporte e Direitos Humanos. O panorama explicitado nesta música, evidencia um padrão de exclusão do negro nos processos decisórios fundamentais para o desenvolvimento do país e na determinação de políticas públicas estruturantes, em outros termos, evidencia a exclusão dos indivíduos negros da participação como atores que possam decidir seu destino e futuro.

A crítica feita na música “Alienação”, tem o poder de levar o indivíduo a refletir de maneira mais profunda sobre as dimensões políticas e sociais da sua realidade, possibilitando-o questionar as estruturas de poder, pois “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1979, p.19). A consciência despertada para a participação do sujeito como agente transformador de sua realidade está manifestada no verso “chega de eleger aqueles que têm”. Este despertar representa o amadurecimento da consciência transitiva crítica, o qual evidencia a percepção das estruturas de poder e a necessidade de participação efetiva nas decisões políticas, superando a postura de mero espectador para assumir um papel ativo na transformação social. Esse movimento conduz o indivíduo ao último estágio: a consciência crítica.

> A conscientização é um compromisso histórico (...), implica que os homens assumam seu papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (...), está baseada na relação consciência-mundo (FREIRE, 1979, p. 15).

O final da estrofe instiga o indivíduo a assumir o seu papel de sujeito que faz e refaz o mundo na busca por transformação das estruturas sociais, ao afirmar que: "Se o poder é muito bom, eu quero poder também". Estes versos guardam uma forte consonância com o pensamento de Freire, sintetizando o processo de conscientização de acordo com o seu segundo conceito. Nesta estrofe, há um questionamento das estruturas de poder estabelecidas e uma reivindicação de participação política ativa, elementos que se alinham fundamentalmente com a visão freireana da educação enquanto instrumento emancipatório.

A segunda estrofe, em uma linguagem poética, revive os elementos fundamentais da concepção freireana da conscientização, ao abordar a temática da consciência de classe e identidade cultural, entrelaçadas no processo de libertação da população negra oprimida.

> O sistema tenta desconstruir/ Lhe afastar de suas origens/ Pra que você não possa interagir, construir/Já passou da hora de acordar/ Assumir sua negritude é vital para prosperar (segunda estrofe) (ILÊ AIYÊ, 2015, faixa 3).

Nesta estrofe a dinâmica central manifestada é a luta entre um sistema opressor, que busca, constantemente, manter o controle, e o povo negro, oprimido por meio do isolamento, tal como destacado por Freire (1987, p. 80) “O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles”. De acordo com esta visão, conforme alertado por Freire, é necessário “dividir para facilitar a manutenção do estado opressor” (idem), e esta lógica se manifesta em todas as ações desse sistema, como o isolamento, a invisibilização silenciosa, o apagamento da história e da cultura e a destruição da memória do povo negro.

O reconhecimento das estruturas de opressão sistemática que atuam ativamente para promover o desenraizamento cultural e histórico do negro está expresso nos versos "O sistema tenta desconstruir/Lhe afastar de suas origens". Essa noção acompanha a concepção freireana de que a tomada de consciência parte da identificação dos mecanismos de opressão. O verso seguinte — “Pra que você não possa interagir, construir” — evidencia o que Freire denomina de "cultura do silêncio" (GIROUX, 1997, p.148), um poder inibidor que é gerado nesta realidade opressora, que trabalha para “objetivar e alienar grupos oprimidos” (GIROUX, 1997, p.148). O verso revela a percepção de que o sistema opera não apenas pela força, mas, principalmente, pela desarticulação dos laços comunitários. Este poder inibidor é responsável por um processo de “Alienação” que, segundo Freire (1984, p. 28), não é acidental, mas, uma estratégia deliberada de dominação que “permanece, não como reminiscência inconsequente, mas como algo concreto, interferindo no quefazer novo” que visa manter os oprimidos em estado de "consciência em si", impossibilitando sua organização como classe.

A passagem da “classe em si” para a “classe para si” é representada no verso "Já passou da hora de acordar", que sugere o despertar coletivo para a condição de opressão.

> [...]significando a união dos oprimidos à relação solidária entre si, não importam os níveis reais em que se encontrem como oprimidos implica esta união, indiscutivelmente, numa consciência de classe (FREIRE, 1984 p. 100).

O chamado para o despertar crítico, presente neste verso é uma postura que se alinha com a visão de conscientização ligada ao conceito de consciência de classe. Este despertar não é individual, mas coletivo, conforme Freire (1987, p.39), “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, ou seja, ninguém conscientiza ninguém, mas todos se conscientizam mutuamente. Tendo isso em mente, a consciência de classe emerge como resultado de um processo coletivo de reconhecimento da realidade opressora, pois, é na “prática desta comunhão [...] que a conscientização alcança seu ponto mais alto” (FREIRE, 1984, p. 97).

No terceiro significado do conceito de conscientização, a leitura de mundo conscientiza a classe oprimida sobre os mecanismos de dominação e a conduz à construção de uma nova consciência crítica e libertadora. Ao remontar a uma ação consciente de antirracismo em “Assumir sua negritude”, esta estrofe entra em consonância com a importância que Freire atribui à práxis — a ação transformadora a partir da reflexão crítica. Para Freire (1984, p. 114) “a consciência de classe demanda uma prática de classe que, por sua vez, gera um conhecimento a serviço dos interesses de classe” e esse conhecimento é construído ativamente por meio da experiência e da ação coletiva.

Este despertar é o resultado de um processo educativo e político explicitado no verso "Assumir sua negritude é vital para prosperar" que, ao reconhecer a identidade negra como fundamental à sobrevivência e desenvolvimento do indivíduo negro, conduz à conscientização em sua dimensão política e coletiva. O verso menciona a emancipação coletiva que só pode ser alcançada através da consciência de classe e da luta organizada, capazes de conduzir a uma libertação.

A última estrofe da canção aponta o significado do conceito de conscientização das múltiplas subjetividades, incorporando a complexidade e a riqueza da interação humana, ao afirmar no primeiro verso que “Ser negro não é questão de pigmentação”. Este verso revela que a identidade negra transcende o aspecto físico e se enraíza nas múltiplas dimensões da subjetividade. Em vista disso, a negritude seria constituída por experiências históricas, culturais e sociais que são determinantes das vivências e das consciências de ser negro. Este verso evoca o conceito de Freire ao reconhecer e valorizar a diversidade de perspectivas e experiências.

> O sexo só, não explica tudo. A raça só, também. A classe só, igualmente. A discriminação racial não pode, de forma alguma, ser reduzida a um problema de classe como o sexismo, por outro lado. Sem, contudo, o corte de classe, eu, pelo menos, não entendo o fenômeno da discriminação racial nem o da sexual, em sua totalidade, nem tampouco o das chamadas minorias em si mesmas. Além da cor da pele, da diferenciação sexual, há também a 'cor' da ideologia (FREIRE, 2002d, p. 156).

O verso dialoga com o conceito de conscientização na perspectiva as múltiplas subjetividades, ao enfatizar que ser negro vai além da conscientização individual e da consciência de classe, para além disso, é um processo contínuo de ressignificação, que valoriza a pluralidade de vozes e experiências, evidenciando a riqueza da diversidade humana e a utiliza como motor para a transformação social. Por isso, ser negro, segundo a canção, “É resistência para ultrapassar a opressão"; é ser um sujeito histórico e protagonista de sua libertação que desafia as estruturas opressoras, a partir de uma visão emancipadora e transformadora da realidade. Para este fim, o verso final da estrofe instiga a “Lutar sempre igualdade e humildade”, pois esta é uma luta política que exige mobilização e organização das forças culturais e estas demandam uma intersubjetividade, marcada pela solidariedade, ética, respeito às diferenças e diminuição das desigualdades. Essa nova racionalidade reconhece a centralidade do ser humano e suas experiências no processo de construção de um mundo mais justo e igualitário (FREIRE, 1993) e, nessa perspectiva, a música celebra a diversidade e a pluralidade dentro da comunidade negra, reconhecendo a riqueza das múltiplas subjetividades.

O refrão, que se repete entre as estrofes, expressa os quatro significados do conceito de conscientização elaborado por Paulo Freire, evidenciando um sujeito que alcançou o nível mais elevado de consciência em todas as suas múltiplas significações: a consciência crítica. À semelhança do movimento no quadro teórico da obra freireana, no refrão da música, esses significados manifestam-se independentes e, ao mesmo tempo, coexistem e se complementam de maneira dialética, desvelando o caráter dinâmico e multifacetado do processo de conscientização. Nos versos deste refrão, a problematização do uso dos termos "moreno" e "morena", como eufemismo que mascara o racismo, revela a ideologia por trás dessas palavras, quando dirigida a uma pessoa negra, pois elas sugerem que as características associadas à negritude precisam ser amenizadas ou mascaradas para serem socialmente aceitas; os aspectos da negritude são considerados demérito. Com base nisso a música alerta que:

> Se você tá a fim de ofender
> É só chamá-lo de moreno, pode crer
> É desrespeito à raça, é alienação
> Aqui no Ilê Aiyê a preferência é ser chamado de negão
> Se você tá a fim de ofender
> É só chamá-la de morena, pode crer
> Você pode até achar que impressiona
> Aqui no Ilê Ayê a preferência é ser chamada de Negona (ILÊ AIYÊ, 2015, faixa 3)

Por trás dessas palavras, aparentemente despretensiosas, encontra-se a imposição de uma aproximação forçada à branquitude, configurando uma forma de violência simbólica, não apenas por negar o direito à auto definição, mas, também, a constituição da subjetividade da pessoa negra. Neste contexto, esse eufemismo se converte em um eficiente aparato de manutenção das hierarquias raciais, ao sugerir que a aproximação com padrões estéticos e culturais brancos representaria uma forma de valorização social. Tendo isso em conta, a canção mergulha na realidade brasileira, marcada pelo racismo enraizado e pela desvalorização da cultura negra. Ao afirmar que chamar de "moreno" é "desrespeito à raça", os versos denunciam a opressão racial e a "Alienação" que impede a percepção crítica dessa problemática, despertando a consciência para a necessidade de transformação, fruto da consciência da realidade nacional.

Em seus versos, o refrão manifesta uma postura de resistência do Ilê Aiyê ao explicitar que dentro da comunidade do bloco, a preferência é que se utilize os termos "negão" e "negona" para se dirigir aos seus membros. Isso porque, esses termos foram reapropriados e ressignificados e, na música, passaram a ser utilizados como instrumentos de afirmação da identidade negra, passando de termos pejorativos a símbolos de orgulho e resistência. Essa mudança, decorrente da resignificação destes termos, evidencia o conceito de estágios da consciência. A superação da consciência ingênua, marcada pela aceitação passiva da imposição de termos depreciativos, e alcançou a consciência crítica, na qual o indivíduo reconhece e rejeita o preconceito, assumindo com orgulho a autodenominação.

Sob o mesmo enfoque, ao afirmar que, para ofender de fato, basta chamar uma pessoa negra de 'moreno' ou 'morena', a música subverte a lógica estabelecida de que as palavras "negão" e "negona" são ofensas e a aproximação com a branquitude seria um elogio. A partir desta afirmação de identidade e da denúncia do racismo, o refrão estimula a ação consciente e a luta contra a opressão sofrida por esta classe, que se organiza e se fortalece na afirmação de sua cultura e identidade, livre da imposição da linguagem opressora e dos estereótipos. Isso corrobora com o conceito da consciência de classe, destacando que a conscientização não é um processo individual, mas coletivo e transformador.

A recusa de homogeneização chama a atenção para a valorização da diversidade, revelando o orgulho identitário e a resistência cultural desses sujeitos. Quando o Ilê Aiyê exalta as características que constituem marcas de subjetividade e autoafirmação do povo negro, amplia a luta antirracista e reafirma a riqueza e a complexidade da experiência negra. Esta postura exemplifica o último dos conceitos de conscientização identificados na análise da música: a conscientização das múltiplas subjetividades. Todos esses significados encontram-se sintetizados neste refrão, interagindo e se complementando de acordo com as demandas sociais descritas na narrativa musical. Longe de se excluírem, eles coexistem e se articulam ao longo da composição.

Discussão

A análise sobre a canção "Alienação", utilizou a epistemologia de Paulo Freire e Bakhtin como arcabouço teórico-metodológico e se apoiou na Análise Dialógica do Discurso na perspectiva bakhtiniana como técnica de análise. A canção foi abordada como um ato de responsividade, que se insere em uma cadeia de vozes sociais, respondendo ativamente às condições de opressão vividas pela população negra no Brasi, portanto, como expressão de resistência política e ferramenta pedagógica

A letra de "Alienação" se manifesta como um discurso político-educacional que expressa os múltiplos significados do conceito de conscientização de Paulo Freire. O estudo identificou como esses significados coexistem e se entrelaçam na narrativa musical, que apresenta três estrofes e um refrão. A primeira estrofe expressa o processo de tomada de consciência da realidade nacional e a busca por mudanças sociais.

O verso A consciência é o motivo principal" destaca a centralidade da conscientização, ecoando a obra de Freire Esta é uma manifestação prática da primeira significação do conceito de conscientização freireana: consciência da realidade nacional. Os versos seguintes, "Eu quero muito mais / Além de esporte e carnaval, natural", assinalam a transição da consciência ingênua para a consciência transitiva crítica. A canção e alerta que a atuação do indivíduo negro historicamente limitada na sociedade. O verso "chega de eleger aqueles que têm" representa o amadurecimento dessa consciência, que se torna um compromisso histórico e percebe a necessidade de participação efetiva nas decisões políticas. Por fim, o verso "Se o poder é muito bom / Eu quero poder também" sintetiza a passagem para a consciência crítica, na qual o sujeito se torna um agente de transformação, alinhando-se com a visão de Freire da educação como um instrumento de emancipação

A segunda estrofe aborda a consciência de classe e a identidade cultural, entrelaçadas no processo de libertação. A canção revela a luta entre um sistema opressor que tenta isolar e enfraquecer o povo negro, desarticulando seus laços comunitários e promovendo o apagamento de sua história e cultura. Essa ação do sistema é descrita por Freire como uma "cultura do silêncio", um poder inibidor que aliena os grupos oprimidos. O verso "Já passou da hora de acordar" representa a passagem da "classe em si" para a "classe para si". Este é um chamado para o despertar coletivo para a condição de opressão, um processo que ocorre em comunhão, onde ninguém conscientiza ninguém, mas todos se conscientizam mutuamente. O verso final da estrofe, "Assumir sua negritude é vital para prosperar", revela a importância da práxis, a ação transformadora a partir da reflexão crítica, que conduz à conscientização em sua dimensão política e coletiva

A terceira estrofe introduz a noção da consciência das múltiplas subjetividades, ao afirmar que “Ser negro não é questão de pigmentação”. A canção vai além da conscientização individual e de classe, valorizando a diversidade de perspectivas e experiências. Ser negro é compreendido como “resistência para ultrapassar a opressão" e ser um sujeito histórico e protagonista de sua própria libertação. O verso final, “Lutar sempre igualdade e humildade”, aponta para a necessidade de mobilização política, solidariedade e respeito às diferenças.

Por fim, o refrão sintetiza os quatro significados da conscientização freireana, mostrando que eles se manifestam de forma independente, mas também coexistem e se complementam. A problematização dos termos "moreno" e "morena" como eufemismos que mascaram o racismo, reforça a visão de que a negritude é um mérito e deve ser valorizada. O refrão representa um sujeito que alcançou o nível mais alto de consciência em todas as suas múltiplas significações: a consciência crítica

A categoria de responsividade bakhtiniana ajuda-nos a entender as lutas sociais de sujeitos marginalizados ao usarem a linguagem de maneira a responderem a condições desiguais vividas por eles na sociedade. Dessa forma, ao dar sua resposta, a canção não está apenas respondendo diretamente ou somente ao seu interlocutor, mas a diversos outros enunciados sociais que constituem o discurso do seu oponente. Na concepção bakhtiniana, sujeito, linguagem e vida são fenômenos organizados e ressignificados pelo esforço de uma consciência axiológica que responde a outra. Com isso, o processo responsivo que ocorre entre a música “Alienação” e o discurso que circula na sociedade, só acontece por meio de um processo de refração dialógica em que eu-outro participam ativamente. Ou seja, conforme ensinam Bakhtin/Volóchinov, a formulação de enunciado endereçado ao outro constitui, por si, uma possível resposta a outros enunciados que circulam na sociedade.

Nesse contexto, a música, por meio de uma abordagem política e educativa, alerta para o processo contrário à conscientização: a alienação e propõe estratégias para combatê-la. Uma das estratégias implica no despertar para a necessidade de romper com a perspectiva externa imposta pela visão racista e opressora, descolada da realidade do sujeito, que nas palavras de Achille Mbembe (2014, p. 58-59) é na verdade um “julgamento de identidade” que traduz uma “consciência ocidental do Negro”, reduzindo-o a estereótipos ou preconceitos. A outra estratégia extraída da música é a construção de uma nova compreensão da realidade e de si mesmo a partir de processo de autodeterminação e uma utopia crítica, que passa a ser uma “declaração de identidade”, manifestando, assim, a verdadeira consciência negra do Negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida neste estudo evidenciou a viabilidade e a fertilidade do diálogo entre o conhecimento teórico com o universo cultural do povo, estabelecendo um diálogo entre a teoria e a cultura popular, a qual, segundo Freire (1987), traduz-se em política popular, sendo, portanto, um elemento fundamental no processo de conscientização. Freire defendia que a cultura popular é rica em conhecimento e valores e essa valorizando dos seus saberes, experiências e visões de mundo, possibilita ao povo descobrir sua própria voz e a transformar sua cultura em um instrumento de luta contra a opressão; promove uma educação libertadora. Este enfoque tornou não apenas este estudo mais acessível e significativo para um público mais amplo, como também oferece um caminho contemporâneo para a compreensão geral do pensamento freireano.

Dessa forma, a canção não é apenas uma obra estética, mas uma ferramenta para o empoderamento e um chamado à ação, instigando o ouvinte a questionar estruturas de opressão e a se tornar um agente de transformação em sua própria realidade. Assim, espera-se que esta investigação sirva como incentivo para novas pesquisas que demonstrem que os princípios freireanos permanecem vitais para se decifrar e transformar a realidade social através de linguagens inovadoras.

REFERÊNCIAS

ADINOLFI, M. P. F. **A África é aqui**: representações da África em experiência educacional contra-hegemônicas da Bahia (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2005.

AFOLABI, N. **Carnaval e Política**: o *Ilê Aiyê* e a reinvenção da África. Salvador: Editora UFBA, 2020.

AGIER, M, **Ilê Aiyê**: a fábrica do mundo afro: a fábrica do mundo afro. São Paulo: Editora 34, 2024.

ALIENAÇÃO - ILÊ AIYÊ. Compositores: Sandro Teles e Mario Paim. *In*: **Bonito De Se Ver**. São Paulo: Universal Music, 2015.

ALVES, B. F. "A constituição filosófica do conceito de responsividade para o dialogismo bakhtiniano". *In*: GONÇALVES, J. B. C. *et al*. (orgs.). **Análise dialógica do discurso em múltiplas esferas da criação humana**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **O freudismo**: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

BOFF, L.; BOFF, C. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BRAIT, B. "Análise e Teoria do Discurso". *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: Outros Conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Paulo Freire**: Uma biobibliografia. São Paulo: Editora Cortez, 1996

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

HAMMARBERG, K. *et al*. "Qualitative research methods: when to use them and how to judge them". **Human Reproduction**, vol. 31, n. 3, 2016.

HICKS, D. "Self and Other in Bakhtin's Early Philosophical Essays: Prelude to a Theory of Prose Consciousness". **Mind, Culture, and Activity**, vol. 7, 2000.

ITAÚ CULTURAL. "Ilê Aiyê". **Itaú Cultural** [2024]. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 12/05/2025.

LAWTON, P. "Paolo Freire's Conscientization". **ROSE - Research on Steiner Education**, vol. 13, n. 1, 2022.

LIM, W. M. "What is qualitative research? An overview and guidelines". **Australasian Marketing Journal**, vol. 33, n. 2, 2025.

MARTINS, R. C. *et al*. "Eficiência social da cooperativa Sicredi Centro-Sul MS: uma abordagem determinista de fronteira e índice de Malmquist". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 22, n. 65, 2025.

MARX, K. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Editora Ícone. 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MOREIRA, A J. **As concepções de corpo na Associação Bloco Carnavalesco *Ilê Aiyê***: um estudo a partir da história do bloco e das práticas pedagógicas das Escolas Banda Erê e Mãe Hilda (Tese de Doutorado em Educação). Salvador: UFBA, 2013.

PERIN, R. R. S. **Os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica Ilê aiyê**: Um precursor das Diretrizes Curriculares da Lei 10639. Salvador: RRSP, 2007.

SANTOS, A N. **Escola Mãe Hilda**: território insurgente da pedagogia da ancestralidade antirracista (Dissertação de Mestrado em Educação). Salvador: UNEB, 2020.

SCOCUGLIA, A. C. "A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire". *In*: TORRES, C. A. (org.). **Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI**. Buenos Aires: Edições do CLACSO, 2011.

SCOCUGLIA, A. C. "Origens e prospectiva do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire". **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 15, 1999.

SCOCUGLIA, A. C. "Paulo Freire e a conscientização na transição pós-moderna". **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 23, 2005.

SCOCUGLIA, A. C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.

SCOCUGLIA, A. C. **A teoria só tem utilidade se melhorar a prática educativa**: as propostas de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Editora FAPERJ, 2013.

SILVA, J. N. R. *et al*. "Entre Amoras e Identidades: uma análise interdisciplinar à luz das teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Paulo Freire". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 19, n. 55, 2024.

SOBRAL, A. "Entoação Avaliativa e Responsividade Ativa". *In*: SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, F. M. *et al*. "O Negacionismo Ideológico no Discurso Inaugural de Bolsonaro em Davos (2019)". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 18, n. 52, 2024.

TEZZA, C. "Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin". *In*: FARACO, C. A. *et al*. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Editora Hatier, 1988.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 23 | Nº 69 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima